

# O estalinismo como uma forma de bonapartismo: Trotsky e o debate historiográfico recente.

Felipe Demier<sup>1</sup> e Henrique Canary<sup>2</sup>

## Resumo

Tal como Marx, Engels e Gramsci, Trotsky não chegou a produzir algum trabalho especificamente dedicado à natureza do fenômeno bonapartista em si. Entretanto, em função dos numerosos e sugestivos escritos em que teceu análises e comentários sobre as suas mais variadas manifestações concretas, Trotsky foi, dentre todos os autores marxistas do movimento operário, aquele que mais próximo chegou da elaboração de uma teoria do bonapartismo propriamente dita. O objetivo do presente trabalho é oferecer uma sintética apresentação das interpretações de Trotsky acerca de um tipo muito peculiar de bonapartismo, o bonapartismo estalinista, e, na sequência, de modo assaz breve, apontar alguns debates existentes na recente historiografia marxista que se dedicou ao tema.

Entendemos por bonapartismo o regime no qual a classe economicamente dominante, ainda que conte com os meios necessários para governar com métodos democráticos, se vê obrigada a tolerar – para preservar sua propriedade – a dominação incontrolada do governo por um aparato militar e policial, por um “salvador” coroado. Esse tipo de situação se cria quando as contradições de classe se tornam particularmente agudas; o objetivo do bonapartismo é prevenir as explosões. A sociedade burguesa passou mais de uma vez por uma época assim, mas eram, por assim dizer, somente ensaios. A decadência atual do capitalismo não somente retirou definitivamente toda base de apoio à democracia, como também revelou que o velho bonapartismo se mostra totalmente inadequado: o fascismo o substituiu. Assim, como ponte entre a democracia e o fascismo (e em 1917, na Rússia, como “ponte” entre a democracia e o bolchevismo), aparece um “regime pessoal” que se eleva por cima da democracia e concilia com ambos os bandos, enquanto, ao mesmo tempo, protege os interesses da classe dominante: basta essa definição para que o termo bonapartismo fique totalmente esclarecido.<sup>3</sup>

O trecho acima se encontra em um dos muitos textos nos quais a questão do bonapartismo foi observada por León Trotsky. Tal como Marx, Engels e Gramsci, Trotsky não chegou a produzir algum trabalho *especificamente* dedicado à natureza do fenômeno bonapartista em si. Entretanto, em função dos numerosos e sugestivos escritos em que teceu análises e comentários sobre as suas mais variadas manifestações concretas, Trotsky foi, dentre todos os autores marxistas do movimento operário, aquele que mais próximo chegou da elaboração de uma teoria do bonapartismo propriamente dita.<sup>4</sup> Ao longo das páginas seguintes, buscaremos oferecer aos leitores uma sintética apresentação das interpretações de Trotsky acerca de um tipo muito peculiar de bonapartismo, o bonapartismo estalinista, e, na sequência, de modo assaz breve,

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>3</sup> TROTSKY, L. “Otra vez sobre la cuestión del bonapartismo. El bonapartismo burgués y el bonapartismo soviético”. *Op. cit.* Tradução nossa.

<sup>4</sup> Quanto à noção de uma “teoria do bonapartismo”, ver DEMIER, Felipe. *O longo bonapartismo brasileiro (1930-1964): autonomização relativa do Estado, populismo, historiografia e movimento operário*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, ICHF/PPGH, Niterói, 2012).

apontaremos alguns debates existentes na recente historiografia marxista que se dedicou ao tema.

### **História e bonapartismos**

Antes, porém, de passarmos ao debate do bonapartismo estalinista propriamente dito, convém notar que Trotsky teceu considerações históricas mais gerais sobre o fenômeno bonapartista, as quais se encontram em sua antológica *A história da revolução russa*.<sup>5</sup> No capítulo intitulado “Kerensky e Kornilov (Os elementos do bonapartismo na Revolução Russa)”, buscando explicar os motivos do insucesso da alternativa bonapartista no processo revolucionário russo de fevereiro-Outubro de 1917 (representada potencialmente por aqueles dois personagens), Trotsky produziu uma profícua síntese histórica do fenômeno em questão, comparando suas diferentes aparições na cena política europeia entre as revoluções francesa e russa.

Na perspectiva do “historiador” bolchevique, o bonapartismo de Napoleão I tivera como principal fonte de sua força política a emergência histórica da sociedade burguesa, na qual a figura de um “árbitro” que garantisse, pelo “sabre”, as conquistas da revolução (“aos grandes burgueses a possibilidade de ganhar lucros, aos camponeses a posse de seus lotes, aos filhos dos camponeses e aos miseráveis a possibilidade de pilhagens durante a guerra”)<sup>6</sup> se fez politicamente necessária. Naquele momento, entretanto, ressalta Trotsky, o antagonismo entre burguesia e proletariado “ainda estava longe da maturidade”. Razões sociais distintas, contudo, explicariam a existência histórica dos bonapartismos de Luís Bonaparte e de Otto Von Bismarck:

O golpe de Estado de 1848 não deu, nem podia dar, terras aos camponeses: não era uma grande revolução que substituía um regime social por outro, era um arranjo político baseado no mesmo regime social. Napoleão III não trazia, atrás de si, um exército vitorioso. Os dois elementos principais do bonapartismo clássico não existiam. Havia, entretanto, outras condições propícias e não menos eficazes. O proletariado, que em cinquenta anos crescera, demonstrou em junho, sua força ameaçadora: mostrou-se, entretanto, ainda incapaz de tomar o poder. A burguesia temia tanto o proletariado quanto a vitória sangrenta conseguida contra ele. O camponês proprietário amedrontara-se perante a insurreição de Junho e desejava que o Estado o protegesse contra os que queriam levar a termo a repartição das terras. E, enfim, o poderoso progresso industrial, que durara, com certas interrupções, durante duas dezenas de anos, abria à burguesia fontes jamais igualadas de enriquecimento. Essas condições foram suficientes para um bonapartismo de epígono.

Na política de Bismarck que, ele também, se elevava “acima das classes”, houve, conforme mais de uma vez foi demonstrado, traços indubitáveis de bonapartismo, se bem que

---

<sup>5</sup> TROTSKY, L. *A História da revolução russa*. Rio de Janeiro/Guanabara: Saga, 1967, 3 volumes. O primeiro volume é intitulado “A queda do czarismo”, o segundo, “A tentativa de contra-revolução” e o terceiro, “O triunfo dos soviets”.

<sup>6</sup> *Idem*, p. 544 (v. II).

sob aparências de legitimidade. A estabilidade do regime de Bismarck estava assegurada pelo fato de que, nascido após uma revolução impotente, ele dera solução, ou meia solução, a um problema nacional tão grande quanto a unidade alemã, saíra vitorioso em três guerras, e contribuíra para um poderoso florescimento capitalista. Isso basta para uma dezena de anos.<sup>7</sup>

Surgido em outra fase histórica, já sob o imperialismo, o *kerenskismo* não teria gozado da mesma sorte dos bonapartismos anteriores. Localizado em momento de radicalização da luta de classes entre proletariado e a burguesia, e em uma nação na qual sequer havia conquistas de uma revolução burguesa a assegurar (como a terra aos camponeses e uma verdadeira unidade nacional, por exemplo), a variante bonapartista russa careceu de bases sociais sólidas que lhe permitissem lograr êxito:

A desgraça dos russos que posavam como candidatos a Bonaparte [além de Kerensky, o general Kornilov, segundo Trotsky, também se colocou como uma eventual liderança “bonapartista” em meio à crise do regime de “dualidade de poderes” inaugurado pela “Revolução de Fevereiro”] não consistia, absolutamente, no fato de que eles não se pareciam nem com o primeiro Napoleão nem mesmo com Bismarck: a história sabe fazer uso dos sucedâneos. Eles tinham, contra eles, uma grande revolução que não resolvera os próprios problemas dela nem tão pouco esgotara suas forças. O camponês que ainda não obtivera terra era forçado, pela burguesia, a guerrear em benefício dos domínios dos nobres. A guerra só trazia derrotas. Não havia sequer um florescimento industrial: ao contrário, a desordem ocasionava, constantemente, novas devastações. Se o proletariado recuou foi sempre para tornar a cerrar fileiras. A classe camponesa só se punha em movimento para uma derradeira investida contra os senhores. As nacionalidades oprimidas passavam à ofensiva contra o despotismo russificador. Em busca da paz, o exército unia-se cada vez mais estreitamente aos operários e ao Partido deles. Embaixo se concentravam enquanto que em cima se enfraqueciam. Não havia, pois, equilíbrio. A Revolução permanecia em pleno verdor. E não causa, portanto, admiração o bonapartismo ter-se revelado anêmico.<sup>8</sup>

Lembrando as comparações feitas por Marx e (sobretudo) Engels entre o fenômeno do bonapartismo e as antigas monarquias absolutas, Trotsky assinalou que nestas últimas “o papel de árbitro entre os elementos da antiga e da nova sociedade [feudal e burguesa, respectivamente] fora, em certo período, realizável, na medida em que ambos os regimes de exploração [feudalismo e capitalismo] precisavam defender-se dos explorados”.<sup>9</sup> Trotsky ressaltou, entretanto, que “em se tratando de senhores feudais e servos não poderia haver intermediário ‘imparcial’”. Lançando mão do exemplo da duradoura monarquia absolutista russa, Trotsky afirmou que “ao conciliar os interesses dos proprietários nobres e os do jovem capitalismo, a autocracia czarista agia, no que se referia aos camponeses, não como intermediária, mas como procuradora

---

<sup>7</sup> *Idem.*

<sup>8</sup> *Idem*, p. 554-555.

<sup>9</sup> *Idem*, p. 545.

das classes exploradoras”.<sup>10</sup> Também o bonapartismo, segundo Trotsky, não seria propriamente um árbitro neutro entre o proletariado e a burguesia, e sim expressaria o “mais concentrado poder da burguesia exercido sobre o proletariado”:

Tendo posto sua bota na nuca do país, o Bonaparte que veio depois (Luís Bonaparte) só pode executar uma política protecionista em favor da propriedade, das rendas e dos lucros. As particularidades do regime não ultrapassaram os meios de proteção. O guarda não se mantém diante da porta, está sentado no pináculo; sua função, porém, é a mesma. A independência do bonapartismo é, em alto grau, só aparência, simulacros, decorações: tem por símbolo o manto imperial.

Explorando, habilmente, o terror burguês em face dos operários, Bismarck em todas as suas reformas políticas e sociais conservava-se, invariavelmente, como o procurador das classes possuidoras que ele jamais traiu. Em compensação, a pressão crescente do proletariado permiti-lhe, sem dúvida, elevar-se acima do corpo dos *junkers*, acima dos capitalistas, na qualidade de insubstituível árbitro burocrático: só nisso consistia a função de Bismarck.<sup>11</sup>

No mesmo contexto temporal em que, como “historiador”, reconstituía a saga revolucionária russa e procurava apreender o caráter político do efêmero *kerenskismo*, Trotsky embrenhou-se também na decisiva luta política alemã daquele conturbado início dos anos 30 do século XX. Fazendo uso novamente da teoria do bonapartismo – a qual ele mesmo assim desenvolvia – Trotsky caracterizaria com precisão a situação da luta de classes na agitada Alemanha pré-hitlerista, lançando luz sobre o que ele denominou de o “complicado bonapartismo alemão”.<sup>12</sup> Poucos anos depois, imerso no processo político francês, marcado pelo avanço do fascismo e o surgimento da frente popular, Trotsky descreveu o regime político do país como um bonapartismo de tipo “semiparlamentar”, no qual declinantes elementos democráticos conviviam com um poder discricionário do chefe governamental. Reeditando a mesma perspectiva interpretativa utilizada para a Alemanha de poucos anos atrás, Trotsky tomou o bonapartismo francês como uma etapa da transição (não inexorável) entre a democracia burguesa e o regime fascista.<sup>13</sup> Em seu último exílio, no México, voltando seus olhos para nosso periférico continente, o velho revolucionário russo vislumbraria nos emergentes regimes políticos pós-oligárquicos (sobretudo no de Lázaro Cárdenas, no México) uma nova e bem particular forma de bonapartismo, desenvolvendo ainda mais

---

<sup>10</sup> *Idem.*

<sup>11</sup> *Idem.*

<sup>12</sup> Quanto às análises de Trotsky acerca do bonapartismo alemão pré-hitlerista, ver DEMIER, Felipe. “Quando a burguesia opta pela força: Considerações de Trotsky sobre bonapartismo e fascismo”. *Esquerda Online*, 26 de setembro de 2018.

<sup>13</sup> Acerca das análises de Trotsky sobre a França naquele período, ver DEMIER, Felipe. “O bonapartismo no poder e o fascismo à espreita: Trotsky e a falência da democracia liberal na França dos anos 1930”. *Esquerda online*, 4 de outubro, 2018.

tal conceito. Suas considerações sobre os “bonapartismos sui generis” da América Latina guardam uma nítida proximidade com a teoria marxista sobre o populismo no continente.<sup>14</sup>

Também no México, Trotsky deu continuidade às suas interpretações acerca do fenômeno estalinista, definindo o regime que então se consolidava na União Soviética como uma forma peculiar de bonapartismo, surgida sob as bases de um Estado Operário isolado e de uma revolução socialista traída. Vejamos isso agora.

### **O bonapartismo soviético**

A noção de “bonapartismo soviético” para caracterizar uma determinada fase da Revolução Russa faz parte de uma lógica interpretativa do processo revolucionário russo que tem nas analogias com a Revolução Francesa um de seus expedientes recorrentes. Após um bom período de discussão e polêmicas com seus companheiros da Oposição de Esquerda Internacional, Trotsky, por volta de meados dos anos 1930, chegou à conclusão de que o regime então vigente na URSS, apesar de sua profunda diferença infra-estrutural com os regimes que tratamos nas páginas passadas, mereceria também receber o rótulo de bonapartista.<sup>15</sup> A consolidação bonapartista da burocracia soviética no poder seria, na perspectiva de Trotsky, um corolário do *thermidor* iniciado com a ascensão da fração estalinista ao controle do Estado quando da morte de Lênin, em 1924. Essa *reação thermidoriana*, por sua vez, teria se dado contra a ala revolucionária do partido bolchevique, a qual estivera à frente da condução política do país durante a fase *jacobina* do processo (1917-1924).

Produto, “em última instância”, de uma “aguda luta de classes entre o proletariado e a burguesia”, o bonapartismo de Stalin, tal como o *Consulado* ou o *Império* que encerraram o processo revolucionário francês, buscaria pôr fim aos radicalizados conflitos entre as várias frações políticas: “Com a ajuda dos aparatos burocrático e policial, o poder do ‘salvador’ do povo e árbitro da burocracia como casta dominante se elevou por cima da democracia soviética reduzindo-a a uma sombra de si

---

<sup>14</sup> Sobre os “bonapartismos sui generis” de Trotsky e sua influência nos estudos sobre o processo político brasileiro, ver DEMIER, Felipe. “Trotsky e os estudos sobre o populismo brasileiro”. *Outubro*, São Paulo, n. 13, 2005, p. 59-78 e em \_\_\_\_\_. “Bonapartismo e cesarismo nos estudos sobre o período 1930-1964 da república brasileira: alguns apontamentos introdutórios”. *Outubro*, São Paulo, n. 19, 2011, p. 105-154.

<sup>15</sup> Uma reconstituição analítica dos debates no interior da Oposição de Esquerda Internacional sobre o caráter do regime estalinista da URSS pode ser encontrada em DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky. O profeta banido (1929-1940)*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984, p. 310-340.

mesma. A função objetiva do ‘salvador’ é proteger as novas formas de propriedade usurpando as funções políticas da classe dominante.”<sup>16</sup>

Cabe destacar, portanto, que em busca de uma caracterização sócio-política do bonapartismo estalinista, Trotsky, distintamente de sua abordagem nos demais casos antes observados, recorre prioritariamente a uma comparação histórica com o período napoleônico *clássico*, e não com o *Segundo Império* (encabeçado por Luís Bonaparte):

Com efeito, o atual bonapartismo do Kremlin o comparamos com o da ascensão burguesa, não com o da decadência; com o Consulado e o Primeiro Império, não com Napoleão III, nem, muito menos, com Schleicher ou Doumergue. A propósito de tal analogia, não se tem a necessidade de atribuir a Stalin as características de Napoleão I; sempre que as condições sociais o exigem, o bonapartismo pode consolidar-se ao redor de figuras de calibres muito diversos.

Do ponto de vista que nos interessa, a distinta base social de ambos os bonapartismos, o de origem jacobina e o de origem soviética, é muito mais importante. No primeiro caso, se tratava da consolidação da revolução burguesa por meio da liquidação de seus princípios e instituições políticas. No segundo caso, se trata da consolidação de uma revolução operária e camponesa por meio do esmagamento do seu programa internacional, do seu partido dirigente, dos seus soviets. Levando até as últimas consequências a política do Thermidor, Napoleão combateu não só o mundo feudal como também a “plebe” e os círculos democráticos da pequena e média burguesia. Dessa forma concentrou os frutos do regime nascido da revolução nas mãos da nova aristocracia burguesa. Stalin não preserva as conquistas da revolução de Outubro só da contrarrevolução feudal-burguesa, mas também contra os anseios dos operários, sua impaciência, seu descontentamento; esmaga a ala esquerda, que expressa as tendências históricas progressivas das massas trabalhadoras sem privilégios; cria uma nova aristocracia por meio da extrema diferenciação dos salários, dos privilégios, das hierarquias etc. Apoiando-se nos setores mais altos da nova hierarquia social contra os mais baixos – e às vezes fazendo o inverso –, Stalin conseguiu concentrar totalmente o poder em suas mãos. De que outra forma podemos chamar esse regime, senão de bonapartismo soviético?<sup>17</sup>

A “divinização” do líder (Stalin) e a técnica “plebiscitária” utilizada pela cúpula burocrática face às massas (que são convocadas a se posicionar “a favor ou contra o líder?”)<sup>18</sup> seriam alguns outros elementos que, para Trotsky, confirmariam a natureza bonapartista do estalinismo desde meados da década de 1930. Ampliando em demasia o leque de aplicação do conceito (bonapartismo), Trotsky esboça o argumento de que a estrutura básica do regime bonapartista é passível de se fazer presente em formações sociais as mais variadas, o que, em nossa concepção, acaba por conferir ao fenômeno uma dimensão histórico-temporal de proporções oceânicas:

---

<sup>16</sup> TROTSKY. L. “Otra vez sobre la cuestión del bonapartismo. El bonapartismo burgués y el bonapartismo soviético” Extraído de <http://www.marxists.org/espanol/trotsky/ceip/escritos/libro4/T06V203.htm>. (acessado em 26/07/2011). Tradução nossa.

<sup>17</sup> TROTSKY, L. “El Estado obrero, el Thermidor y el Bonapartismo”. Extraído de <http://www.marxists.org/espanol/trotsky/ceip/escritos/libro4/T06V127.htm>. (acessado em 26/07/2011). Tradução nossa.

<sup>18</sup> TROTSKY. L. *A revolução traída*. O que é e para onde vai a URSS. 2ª edição. São Paulo: José Luís e Rosa Sundermann, 200, p. 244-245

O cesarismo – ou a sua forma burguesa, o bonapartismo – entra em cena na história quando a áspera luta entre dois adversários parece elevar o poder acima da nação e assegura aos governantes uma independência aparente relativamente às classes, não lhes deixando, na realidade, mais do que a liberdade de que precisam para defender os privilegiados. O regime estalinista, elevando-se acima de uma sociedade politicamente atomizada, apoiando-se na polícia e no corpo de oficiais, sem tolerar controle algum, é obviamente uma variação do bonapartismo – um bonapartismo de um novo tipo nunca visto antes na história. O cesarismo nasceu em uma sociedade baseada na escravatura e abalada por lutas intestinas. O bonapartismo foi um dos instrumentos do sistema capitalista nos seus períodos críticos. O estalinismo é uma variação, mas sobre as bases de um Estado operário, dilacerado pelo antagonismo entre a burocracia soviética organizada e armada e as massas laboriosas desarmadas.<sup>19</sup>

Fiel ao seu “internacionalismo metodológico”, Trotsky considerava que, “em última análise”, o bonapartismo estalinista devia seu surgimento “ao atraso da revolução mundial”, ou, em outras palavras, “a demora do proletariado na solução dos problemas colocados a ele pela história”. Esperançoso, Trotsky apostava que um movimento revolucionário vitorioso na Europa balançaria não somente os regimes burgueses ultrarreacionários, como o fascismo, mas, também, o bonapartismo soviético. Como se sabe, contudo, o regime formatado pela burocracia estalinista desde a crise sucessória de 1924 ainda teria muitos anos de duração (1991), e seu fastígio político talvez não tenha se verificado nem mesmo na década de 1930 observada por Trotsky, e sim nos anos compreendidos entre a heroica vitória do Exército Vermelho sobre o nazifascismo e a morte do “Bonaparte” Stálin em 1953.

## **O debate historiográfico contemporâneo: Trotsky e o regime político da União Soviética sob Stálin**

---

<sup>19</sup> *Idem.* p. 244. Domenico Losurdo criticou duramente a caracterização feita por Trotsky do estalinismo como uma forma bonapartista de regime político. Segundo o filósofo italiano, a fonte do poder de Stalin não residiria em seu carisma pessoal ou em seu controle dos meios de comunicação de massa, e sim na atividade e na propaganda de “milhares ou milhões de ativistas e militantes de partido, convencidos, certa ou erradamente, de lutar pela realização de um determinado modelo de sociedade, em conformidade com o patrimônio de ideias de uma precisa tradição revolucionária”. Para Losurdo, tais aspectos, como a existência mediadora de um partido e de um programa políticos na relação entre o líder nacional e as massas populares, iriam de encontro à definição do modelo de bonapartismo por ele traçado. Poucas linhas adiante, Losurdo, mal disfarçando suas preferências políticas estalinistas, afirma que a vitória de Stalin representou a vitória de um “aparelho de partido e de Estado que se autonomiza progressivamente da base por ele ‘representada’ e que derrota uma possível alternativa de tipo bonapartista, que poderia facilmente encarnar-se no líder vitorioso do Exército Vermelho, dotado de um carisma desconhecido nos outros líderes bolcheviques e que, mais do que qualquer outro, parece encarnar a missão de exportação para o mundo de um modelo superior de sociedade e de civilização”. (LOSURDO, Domenico. *Democracia ou Bonapartismo*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ São Paulo: Ed. UNESP, 2004., p. 199.). Na incrível ginástica factual/contra-factual de Losurdo, Stalin aparece como um representante (ainda que autonomizado) de um partido que encarna uma tradição revolucionária, enquanto o internacionalismo de Trotsky não passa de mais uma expressão de seus anseios bonapartistas-militaristas. Um pouco pesado, não acham?

## Algumas características do pensamento de Trotsky

A definição do stalinismo como um tipo específico de bonapartismo apenas abre o debate sobre o regime político da URSS. Em dezenas de artigos, livros e textos programáticos, Trotsky desenvolveu uma série de outros aspectos decisivos para uma melhor caracterização do fenômeno. Grosso modo, podemos dividir a evolução pensamento de Trotsky em três fases distintas<sup>20</sup>, sendo a primeira iniciada em 1923, com a obra *Novo Curso*, na qual Trotsky trabalhou com o conceito de “deformações burocráticas”, um termo leniniano que ele desenvolveu no marco de uma luta interna pela superação do que se considerava ser uma herança do passado czarista. A segunda fase, iniciada em 1928, é marcada pela obra *A III Internacional depois de Lenin*. Aqui, Trotsky, ainda que trabalhasse com a perspectiva de regeneração democrática do Estado e do Partido, avançou para o conceito de “centrismo burocrático” para caracterizar o fenômeno stalinista. Por fim, na fase iniciada em 1933 com a vitória de Hitler na Alemanha graças, entre outros fatores, à traição ultraesquerdista do PC alemão, Trotsky introduziu o conceito de *Estado Operário (burocraticamente) degenerado*, apelando à revolução política como única saída para o impasse stalinista. Mais do que tudo, nos interessa a terceira fase de seu pensamento, na qual ele desenvolveu uma série de elementos originais não presentes na análise leniniana.

Para Trotsky, a característica fundamental do regime estabelecido na URSS a partir de meados dos anos 1920 era, por um lado, a *expropriação política do proletariado* por uma burocracia estatal e partidária e, por outro, a *manutenção do regime social oriundo da Revolução de 1917*, a saber: a propriedade estatal dos meios de produção, a planificação econômica e o monopólio do comércio exterior. Combinados, esses três fatores seriam exatamente a essência do *Estado Operário (burocraticamente) degenerado*. Trotsky argumentou que, apesar da profunda degeneração do regime político, a burocracia soviética não havia avançado em um terreno decisivo, qual seja, as relações de propriedade, apresentando-se justamente como uma guardiã das relações sociais criadas por Outubro. Porque não restaurou as relações capitalistas nem introduziu relações novas, baseadas em uma nova lógica de

---

<sup>20</sup> MONTEIRO, Marcio Lauria. As análises de Leon Trotsky sobre a União Soviética e o stalinismo. Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas, Rio das Ostras, v. 23, n. 2, pp. 176-207, ano XII, nov./2017.



apropriação do sobretrabalho, a burocracia soviética se configuraria como uma mera casta parasitária, e não uma nova classe social exploradora. Tratar-se-ia, para Trotsky, de um *abuso de poder*, do parasitismo de uma organização proletária (o *Estado Operário*), e não de uma nova formação social e econômica.

Segundo Trotsky, a base material do parasitismo burocrático residia na escassez relativa de bens e serviços na URSS stalinista, o que demandava a presença de um intermediário ou juiz que fizesse as mediações entre as normas socialistas de produção (economia estatizada) e as normas burguesas de distribuição (a cada um segundo o seu trabalho). Tal juiz ou intermediário era justamente a burocracia stalinista.

Além de um intermediário entre as normas socialistas de produção e as normas burguesas de distribuição, a burocracia se apresentava também como um intermediário entre o proletariado soviético e a burguesia mundial, que exercia uma enorme pressão sobre a União Soviética por meio da diplomacia e do comércio exterior (ainda que as atividades deste, no que diz respeito à URSS, estivesse monopolizado pelo Estado). Segundo Trotsky:

A pressão do imperialismo sobre a União Soviética procura modificar a própria natureza da sociedade soviética. Esta luta – hoje pacífica, amanhã militar – diz respeito às formas de propriedade. Enquanto mecanismo de transmissão desta luta, a burocracia, para aumentar sua própria força, se apoia, ora no proletariado contra o imperialismo, ora no imperialismo contra o proletariado. Ao mesmo tempo, explora impiedosamente o seu papel de distribuidor dos magros bens materiais para garantir a sua prosperidade e poder. Pela mesma razão, a dominação do proletariado tem um caráter limitado, falseado, deformado. Pode-se dizer, com toda a razão, que o proletariado dominante em um único país atrasado e isolado continua ainda sendo uma classe oprimida. O imperialismo mundial é a fonte da opressão, a burocracia funciona como mecanismo de transmissão desta opressão. Se há uma contradição entre os termos “classe dirigente e oprimida”, esta contradição não surge dos erros do pensamento, mas sim de uma contradição na própria situação da URSS. É precisamente por isso que rejeitamos a teoria do socialismo em um só país.<sup>21</sup>

Para Trotsky, essas eram as bases materiais que tornavam a burocracia um fenômeno instável, excepcional, assim como instável e excepcional seria a sua própria dominação, fazendo, assim, do bonapartismo soviético fundamentalmente um *regime de crise*.

### **Kevin Murphy e a crítica a Thomas Twiss**

---

<sup>21</sup> TROTSKY, Leon. **Em defesa do marxismo**. São Paulo: Editora Sundermann, 2011. p. 266.

Recentemente, o debate sobre a natureza do regime stalinista ressurgiu em uma discussão historiográfica entre Kevin Murphy e Thomas Twiss. Polemizando contra Twiss e seu livro *Trotsky and the problem of Soviet bureaucracy* (2014), Murphy argumenta que o termo “bonapartismo soviético” para descrever o regime stalinista não é apropriado, uma vez que o próprio conceito de “kulak” como classe inimiga e oposta ao proletariado era muito mais uma construção ideológica proposta pelo stalinismo do que um fato econômico e social. Ou seja, na União Soviética do final dos anos 1920 e 1930 não haveria duas classes antagônicas sobre as quais a burocracia pairaria como um árbitro mediador. Baseado em H. Hudson, Murphy argumenta que o termo “kulak” tornou-se indistinguível ao de campesinato. Nesse sentido, o que havia era uma grande campanha stalinista contra o campesinato e que tomava o fantasma do kulak como um fantoche para justificar a repressão. Assim, Murphy vê a luta contra a coletivização forçada como um fenômeno essencialmente positivo e que teria colocado Trotsky “no lado errado da rebelião camponesa mais violenta do século XX”<sup>22</sup>. Murphy afirma, como conclusão, que a busca de Trotsky por classes conflitantes no proletariado e no kulak para que estas se ajustassem ao modelo bonapartista seria uma ilusão.

### **Conclusões provisórias**

Ainda que os kulaks tenham sido eliminados como classe com a coletivização forçada das terras, ou seja, ainda que a ideia central do argumento de Murphy seja aceita, isso não invalida, pensamos, a definição do regime stalinista como bonapartismo, uma vez que existiam outros fatores a serem “equilibrados” na sociedade soviética e esse equilíbrio era garantido exatamente pela burocracia stalinista. Principalmente, cabe lembrar que a extinção das classes proprietárias na URSS não fez eliminar, com isso, a contradição entre o proletariado soviético em seu conjunto e o imperialismo, que seguia dominando em nível mundial. A mediação entre o proletariado soviético e o imperialismo mundial (defesa da propriedade estatal/monopólio do comércio exterior x pressões restauracionistas/ mercado mundial”) parece ter sido a principal função do stalinismo enquanto um tipo peculiar bonapartismo. Ademais, no interior da própria sociedade soviética, a cúpula estalinista à frente do Estado desempenhava o papel de árbitro entre o proletariado e a casta burocrática que gradativamente se desenvolvia

---

<sup>22</sup> MURPHY, Kevin. Trotsky e o problema da burocracia soviética. Revista Outubro, n. 28, abril de 2017, p. 155.

desde o fim da guerra civil – Evidentemente, Stalin e seus asseclas no poder estavam a serviço de tal casta contra o conjunto da classe trabalhadora. Desse modo, teríamos, no plano nacional, um bonapartismo que não derivaria da necessidade de arbítrio entre classes sociais propriamente ditas, e sim entre uma classe, os trabalhadores, e uma “excrecência parasitária”, uma casta burocrática que daqueles teria se descolado e se autonomizado.

Este debate, entretanto, precisa ser desenvolvido, e as questões levantadas por Murphy são de extrema valia para isto.

## Referências

DEMIER, Felipe. *O longo bonapartismo brasileiro (1930-1964): autonomização relativa do Estado, populismo, historiografia e movimento operário*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, ICHF/PPGH, Niterói, 2012).

\_\_\_\_\_. “Quando a burguesia opta pela força: Considerações de Trotsky sobre bonapartismo e fascismo”. *Esquerda Online*, 26 de setembro de 2018.

\_\_\_\_\_. “O bonapartismo no poder e o fascismo à espreita: Trotsky e a falência da democracia liberal na França dos anos 1930”. *Esquerda online*, 4 de outubro, 2018.

\_\_\_\_\_. “Trotsky e os estudos sobre o populismo brasileiro”. *Outubro*, São Paulo, n. 13, 2005, p. 59-78.

\_\_\_\_\_. “Bonapartismo e cesarismo nos estudos sobre o período 1930-1964 da república brasileira: alguns apontamentos introdutórios”. *Outubro*, São Paulo, n. 19, 2011, p. 105-154.

DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky. O profeta banido (1929-1940)*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984, p. 310-340.

LOSURDO, Domenico. *Democracia ou Bonapartismo*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ São Paulo: Ed. UNESP, 2004., p. 199.

MONTEIRO, Marcio Lauria. “As análises de Leon Trotsky sobre a União Soviética e o stalinismo”. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 23, n. 2, pp. 176-207, ano XII, nov./2017.

MURPHY, Kevin. “Trotsky e o problema da burocracia soviética”. *Revista Outubro*, n. 28, abril der 2017, p. 155.

TROTSKY, L. *A História da revolução russa*. Rio de Janeiro/Guanabara: Saga, 1967, 3 volumes.

\_\_\_\_\_. “Otra vez sobre la cuestión del bonapartismo. El bonapartismo burgués y el bonapartismo soviético” Extraído de <http://www.marxists.org/espanol/trotsky/ceip/escritos/libro4/T06V203.htm>. (acessado em 26/07/2011).

\_\_\_\_\_. “El Estado obrero, el Thermidor y el Bonapartismo”. Extraído de <http://www.marxists.org/espanol/trotsky/ceip/escritos/libro4/T06V127.htm>. (acessado em 26/07/2011). Tradução nossa.

\_\_\_\_\_. *A revolução traída. O que é e para onde vai a URSS. 2ª edição. São Paulo: José Luís e Rosa Sundermann, 200, p. 244-245*

\_\_\_\_\_. *Em defesa do marxismo. São Paulo: Editora Sundermann, 2011. p. 266.*